

Hélder Antunes é um verdadeiro cônsul de Portugal na Califórnia, onde está a sede da Cisco, multinacional presente em 70 países. Acompanhou os processos de lóbi de Israel e da Irlanda e quer replicá-los



Importador de talentos

Há 20 anos em Silicon Valley, Hélder Antunes, da Cisco, está a levar para lá mais 50 estagiários lusos e a trazer para Portugal mais um centro mundial, contra a Índia

Texto **Marisa Moura** Fotos **Paulo Alexandrino**

Nasceu nos Açores há 44 anos e sempre trabalhou no mítico vale californiano, em São José. É um dos 72 mil habitantes da Meca da tecnologia, erguida nos anos 30, quando William Hewlett e David Packard lançaram um negócio de garagem com 528 dólares emprestados por um professor.

Imbuído deste espírito, Hélder Antunes, responsável mundial da Cisco para a área de serviços de segurança de redes privadas virtuais, sempre teve o sonho de levar para Silicon Valley o máximo de portugueses e trazer para Portugal um dos seus laboratórios. Agora tornou-o realidade. A inauguração das novas instalações da Cisco Portugal, em Maio, no Lagoas

Park, em Oeiras, representa mais do que um investimento de 24 milhões de euros. Num total de 140 colaboradores, a nova casa alberga as recém-chegadas 53 pessoas do Hércules – Centro de operações de suporte a vendas para a Europa. E atraiu outra conquista.

Até ao final do ano acolhe uma área de simulação de testes de rede que poderia ir para a Índia, mas veio para Portugal. Há poupanças de 1 milhão de dólares, em electricidade e espaço, e o dobro de horas compatíveis com o fuso americano.

Este engenheiro informático fã de motores automóveis veio ao país natal para a inauguração e para seleccionar, ele próprio, o maior pelotão de estagiários lusitanos que aterrará nos Estados Unidos. A nova cruzada começa já neste mês de Agosto.

Por que dedica tanta energia para levar portugueses para Silicon Valley?

Há anos percebi que as nossas escolas mudaram e que temos gente com capacidade. Na Cisco tem-se comprovado que os nossos engenheiros são tão bons, ou me-



“As coisas em Silicon Valley até são fáceis. Tem de se ter um escritório local e patrocinar encontros de negócios no San Jose Capital Club”

lhores do que os outros. Acho que através deste programa, e se outras companhias também apostarem em levar mais gente, conseguiremos pôr Portugal no mapa tecnológico. A minha ideia é simples, e até um pouco idealista. São estes miúdos que, dentro de 10-20 anos, estarão à frente das empresas ou com posições no governo. É através deles que mudamos isto.

Está prestes a levar 50 estagiários para Silicon Valley através do programa anual Inov Contacto, da Aicep. Por que é que em 2007 não levou ninguém?

Em 2006 foram 27 estagiários, mas a Aicep decidiu mudar as regras e enviar apenas dois estagiários por companhia e por local. E reduzir de nove para seis meses. Achei que não valia a pena participar.

Não quis que a Cisco participasse para dar uma lição à Aicep?

Não. Realmente chegámos à conclusão de que os seis meses não eram suficientes. E o facto de não termos oportunidade de entrevistar os candidatos foi outro entrave. Os miúdos ficam às cegas sem saber, até à última, onde serão colocados, e muitos desistem. As companhias também não sabem quem vão receber. Desde o início (participamos desde 2000) que digo: “A partir de dois estagiários, temos de ser nós a fazer as entrevistas.” Eles sempre nos concederam essa excepção.

Já houve más experiências consequentes desse *modus operandi*?

Muitas. Alguns destes miúdos não têm maturidade. Por exemplo, um deles levou a namorada para uma reunião de trabalho.

Que perfil procuram?

Estudantes de Engenharia, Informática e alguns de Matemática que tenham experiência, mesmo que apenas académica. Têm de ser bons a inglês (é dos grandes requerimentos) e ter uma atitude que se enquadre na Cisco, ou seja, não ficarem

sentados à espera que lhes digam o que fazer. Mas, às vezes, os estágios falham porque algumas companhias recebem gente que até tem potencial, mas depois não têm programas estruturados adequados às expectativas e os miúdos desanimam. Tenho insistido na Aicep para que sejam mais exigentes.

É preciso muita persistência.

Às vezes não lhe apetece desistir?

No ano passado, como as coisas não me agradaram, cheguei a dizer que não fazia mais. Mas acabei por fazer porque também queria ligar isto ao que o Carlos Brazão está a fazer cá em Portugal, com o Hércules. Temos agora instalações de nível mundial e isto abre outras portas. Os governantes agora estão mais receptivos.

Acha que o Governo não respeitava tanto a Cisco antes do centro Hércules vir para Portugal?

Diria que é mais desconhecimento do que desrespeito. Por exemplo, tanto o Presidente da República como o primeiro-ministro nunca foram à Califórnia. Os nossos políticos costumam ir à Costa Leste, onde temos as grandes comunidades portuguesas. Estamos a tentar agendar uma visita de José Sócrates a Silicon Valley.

Falta mundo aos governantes. É isso?

Falta. Não têm a mínima ideia. Só a Cisco tem uma autêntica cidade em Silicon Valley. São mais de 40 edifícios e 16 mil engenheiros. A nível global a Cisco tem 65 mil pessoas, muitas delas em Bangalore. O professor Carlos Zorrinho [Coordenador Nacional da Estratégia de Lisboa e do Plano Tecnológico] esteve em Berkeley há dois anos, numa conferência da PAPS – Portuguese/American Post-graduate Society, e acho que regressou com um pouco mais de visão.

O presidente da Câmara de Oeiras, Isaltino Morais, também aposta nas viagens. Este ano esteve em Cambridge

para levar mais empresas para o seu concelho. Já tem 15% do PIB nacional.

Eu próprio já o recebi em Silicon Valley, penso que foi em 2000. Um dos vereadores que o acompanhou foi David Justino que depois foi ministro da Educação. Foi a Câmara de Comércio Portuguesa de lá (que entretanto fechou) que fez essa ligação. Havia o conceito de cidades irmãs Oeiras-São José.

Silicon Valley remete para um certo imaginário onde as pessoas são quase como máquinas. É assim?

Não é nada assim. São engenheiros com paixão pelo desenvolvimento e objectivos comuns: desenvolver tecnologia, lançá-la ao mercado e fazer dinheiro. Mas há uma diversidade cultural fantástica que se vê nos restaurantes e nos espaços de lazer. Há 20 anos eram quase todos americanos. Hoje esses estão lado a lado com indianos e asiáticos.

Tem criticado a falta de lóbi.

Concretamente, o que se pode fazer para catapultar o talento nacional?

Tal como a Aicep investe na promoção do turismo e dos vinhos, tem de haver uma entidade governamental que, exclusivamente, faça a ponte com Silicon Valley. Por exemplo, o Ineti (Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação). Temos boa tecnologia e boas ideias, mas falta um mercado de capital de risco para as financiar. A Chipidea foi uma excepção. Foi vendida à americana MIPS porque, quem estava à frente, tinha contactos. As coisas no Silicon Valley até são fáceis. Tem de se ter um escritório local com contactos através do cônsul e patrocinar muitos *business mixers* – encontros para os quais se convidam os líderes das companhias e os investidores.

Em *cocktails* informais de convívio?

No San Jose Capital Club, que é onde acontecem todos os *mixers* importantes de Silicon Valley. Para ser-se membro, paga-se →



→ se uma jóia de 100 mil dólares e depois uma quantia mensal. É aí que se formalizam os contactos. Se não houver ninguém a *full time*, as coisas morrem a meio.

Conhece algum negócio português com São José abortado por falta de lóbi?

Por exemplo, eu tinha um bom contacto na Microsoft, em Cupertino, lá na Califórnia. Há uns anos consegui que uma empresa portuguesa lhes mostrasse uma tecnologia de Imagem 3D. Foi um pedido que o Icep me fez à última hora. Eu consegui esse encontro, mas nada avançou. A

amizade pode facilitar o contacto inicial, mas é preciso uma estrutura que leve o processo às pessoas certas, até ao fim.

No ano passado disse que bastaria o Governo investir 5 milhões de euros para, num ano, duplicar as exportações de tecnologia. Mantém a teoria?

Teria de actualizar os valores, mas penso que será algo próximo. Um dos meus amigos, professor na Universidade de Stanford, ajudou Israel e a Irlanda a montarem os seus mecanismos formais de lóbi. Baseei-me nesse trabalho. É fácil duplicar porque,

a partir dali, há uma capacidade de distribuição global que nós não temos.

Que feedback lhe dá o Governo?

Dizem sempre que acham excelente, mas que não há dinheiro.

Não há 5 milhões de euros para duplicar as exportações de tecnologia?

Na verdade, talvez ainda não tenham encontrado as pessoas indicadas. Seria um erro escolher alguém com base em vínculos partidários. Deviam ir buscar alguns desses miúdos promissores. Querem que o português que está lá fora faça as coisas pela boa vontade, e fazemos, mas também temos o nosso trabalho. Países como a Roménia e a Bulgária também já lá estão a marcar presença. Se demormos mais, possivelmente perdemos o comboio.

Em que fase está o novo departamento que está a trazer para Portugal?

Até ao fim do ano fica implementada a primeira fase, até porque o edifício onde está, em São José, está a ser reconfigurado e temos mesmo de mudar. Estamos a analisar como enviar o equipamento por fases, para não desmontarmos tudo e pararmos duas a três semanas.

Quantas pessoas terá esse laboratório?

É provável que no fim do primeiro ano tenhamos oito pessoas. Mas a ideia é ir aumentando a presença de investigadores em Portugal. Alguns dos estagiários que agora seguem para os Estados Unidos poderão depois ficar neste projecto. Já tenho três pessoas a trabalhar no Lagoas Park.

O que fazem, concretamente?

São equipamentos onde escrevemos e desenvolvemos programas para simular testes de rede. É um laboratório com 40 racks, que são os armários onde guardamos os routers [grosso modo, estão para as redes informáticas, como os neurónios para o cérebro]. É uma área enorme, como um hangar de avião. Seria impossível levar isto para a Índia. Lá a mão-de-obra é barata, mas este tipo de custos são muito maiores. Mais 50% do que em São José, onde temos 6 mil máquinas destas. E em termos de produtividade, Portugal é melhor porque, entre São José e Bangalore, há uma diferença de 12,5 horas. Se isto funcionar, depois posso trazer mais três laboratórios e poupar ainda mais. ■

Esperanças nacionais nas TI

Em 11 anos, 1552 portugueses fizeram estágios internacionais através do Inov Contacto, da Aicep. A Cisco recrutou 91 deles. Eis três casos de sucesso

João Castro, 31 anos, Professor-assistente no MIT



Em 2000 licenciou-se, com distinção, em Telecomunicações e Engenharia Electrotécnica e de Computadores, da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, cidade onde nasceu. Nesse ano, através do Icep (actual Aicep), estagiou na Cisco

Systems, em São José e lá ficou até 2002. Em Portugal integrou a equipa de bilhética e infra-estruturas de comunicação do Metro do Porto e, em 2003, tornou-se gestor de projecto da Umic - Agência para a Sociedade do Conhecimento, para a rede wireless nas escolas do país. Em 2004 foi best in class num mestrado em Engenharia de Concepção e, no ano seguinte, regressa aos Estados Unidos para o doutoramento em curso no MIT e presidiu à PAPS - Portuguese American Post-graduate Society.

Pedro Leonardo, 38 anos, Security solutions manager na Cisco



Nascido em Bragança, licenciou-se na Faculdade de Engenharia do Porto, em Telecomunicações e Engenharia Electrotécnica e de Computadores, em 1993. Estreou-se na PT (então TLP), no departamento de engenharia, desenvolvimento e tecnologia e, em 2000, fez o estágio na sede da Cisco. No mesmo ano

ingressa na tecnológica, após um mestrado em Gestão de Informação, na britânica The University of Sheffield. Sai da telecom nacional como gestor de projecto, software e desenvolvimento da PT Inovação. Trabalha na sede da Cisco, em São José, Califórnia.

Raquel Fernandes, 30 anos, Software engineer na Cisco



Nasceu em Lisboa e, em 2002, licenciou-se em Matemática, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, com especialização em Ciências da Computação. Fez o estágio do Inov Contacto, na Cisco, em São José,

e entrou na Novabase em 2004. Trabalhou nas instalações da Vodafone e da PT e, em 2007, integrou os quadros da Cisco. A partir de Oeiras, coordena a equipa ibérica de segurança do projecto ECT (Enterprise Class Teleworker) que facilita o teletrabalho, para reduzir 25% dos automóveis em circulação.



Helder Antunes

CONSUL DE PORTUGAL NA CISCO, LEVA
ESTAGIÁRIOS PARA SILICON VALLEY E
TRAZ INVESTIMENTOS PARA PORTUGAL